

O PSICOLÓGICO E O ESPIRITUAL: DIFERENÇA ENTRE TERAPIA E ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL¹

PSYCHOLOGICAL AND SPIRITUAL: DIFFERENCES BETWEEN THERAPY AND SPIRITUAL GUIDANCE

Hermógenes Harada²
(edição de Jairo Ferrandin)

RESUMO

O presente artigo aborda alguns traços que buscam estabelecer a distinção entre terapia psicológica e orientação espiritual. Apesar de mostrarem muitas semelhanças, em suas bases, essas práticas são totalmente distintas. Não deixam, no entanto, de ter implicações comuns e de, no diálogo, contribuir para o enriquecimento mútuo e para uma delimitação cada vez mais precisa de sua identidade própria. A terapia psicológica toma como fundamento de trabalho o aparato da ciência positiva. Isso pode ser observado, atualmente, no ecletismo metodológico funcional presente no processo terapêutico, no qual são empregados vários tipos de abordagens psicológicas, de diferentes escolas, conforme conveniências terapêuticas. Todavia, a Psicologia, assim como toda ciência, precisa tomar como ponto de partida e retornar sempre ao pré-teórico, mesmo qualificando-o como irracional ou “pré-científico”. A orientação espiritual, ao contrário, tem ciência de estar inserida em pendente e dependente desse pré-teórico, do mundo da vida. O espírito, ali, caracteriza-se como um serviço de acolhida e abertura de todas as coisas. A ciência, aqui, busca mensurar a realidade; o espírito busca servir e deixar a realidade ser, cada vez mais, ela mesma. Partindo dessa diferença fundamental, dá-se a diferenciação entre terapia psicológica e orientação espiritual.

Palavras-chave: Terapia Psicológica. Orientação Espiritual. Ciência. Espírito.

ABSTRACT

This article discusses some features that seek to distinguish between psychological therapy and spiritual guidance. Although show many similarities in their bases, these practices are totally different. Therefore fail, however, to have common implications and, in dialogue, contributing to contribute to the mutual enrichment and delimitation increasingly needs its own identity. Psychological therapy takes as ground work apparatus of positive science. This can be seen nowadays in functional methodological eclecticism present in the therapeutic process, which are employed in which various types of psychological approaches, from different schools, as therapeutic conveniences. However, the phychologie, like all science, must take as its point of departure and return to the pre-theoretical, even if the qualifying him as irrational or “pre-scientific”. Spiritual guidance, on the contrary, is a science to be inserted into pending and dependent on that pre-theoretical world of life. The spirit here is characterized as a service of welcome and openness, and from all things. Science, the fact seeks to measure, the spirit and serve search let reality be increasingly itself. There is a fundamental difference, which takes up the distinction between psychological therapy and spiritual guidance.

Keywords: Psychological Therapy. Spiritual Guidance. Spiritual Science.

¹ Nota introdutória: o presente texto, elaborado pelo professor Harada, foi inicialmente apresentado como proposta de reflexão sobre os temas da Psicologia e Espiritualidade. Sua primeira construção não ocorreu com fins de publicação científica. Para que pudesse ser publicado, foram realizados alguns ajustes em termos de formulações, formatação, adequação de conceitos e de linguagem. Procurou-se, porém, manter o texto na sua forma mais original possível. Algumas notas explicativas, devidamente indicadas por “nota do editor”, foram acrescentadas, a fim de tornar alguns assuntos mais acessíveis aos leitores pouco familiarizados com a fenomenologia da ciência proposta por Husserl e Heidegger e pressuposta na reflexão do texto. Apesar das dificuldades relacionadas ao texto, as reflexões nele contidas contribuem para as discussões e os estudos que partilham da temática abordada nesse escrito. (Jairo Ferrandin. Filósofo e Pós-graduado em Psicologia Junguiana)

² Falecido em 2007, Hermógenes Harada foi frade franciscano, filósofo e entusiasta estudioso do franciscanismo (Nota do editor).

INTRODUÇÃO

O tema tratado no presente artigo é complexo. Aborda dois assuntos distintos, porém, com mútuas implicações. Suspeita-se de que vida espiritual, a chamada **orientação espiritual**, na maioria das vezes, ocorre como orientação no sentido de **terapia psicológica**. Por sua vez, a terapia psicológica, em muitos casos, pode assumir contornos de **orientação espiritual**.

Com o objetivo de propor um esclarecimento sobre a diferença entre **terapia psicologia** e **orientação espiritual**, faz-se necessário distinguir, inicialmente, a Psicologia da espiritualidade.

O que se denomina **espiritual** é algo demasiadamente vasto e indeterminado. Se não é impossível, pelo menos, pode-se dizer que é difícil estabelecer uma delimitação precisa que seja útil e válida para darmos início ao exame do tema proposto. O mesmo ocorre com o termo **psicológico**: não existe uma determinação única e precisa acerca do objeto da Psicologia. De modo geral, reflexões que envolvem o tema da espiritualidade na relação de diferença com o psicológico partem das determinações do espiritual encontradas no uso habitual dos ambientes religiosos. Dada a imprecisão inicial dos temas, comecemos com o esclarecimento de cada um deles.

1 O PSICOLÓGICO E O ESPIRITUAL

De modo geral, o entendimento do **psicológico** e do **espiritual** é proveniente da compreensão antropológica, que o ser humano concebe de forma tripartite e o descreve como “composição entre **corpo**, **alma** e **espírito**”. De acordo com essa divisão, o psicológico (*psyché* + *logos*) faria referência à alma, conforme sugere a palavra de origem grega *psyché*, usualmente traduzida como alma³.

Para a proposta de discutir a relação entre psicológico e espiritual, será adotada a determinação da Psicologia, como expressa na composição do próprio termo – *psyché* + *logos* – a *logia* da psique, de acordo com o entendimento da ciência moderna. Psicologia também pode ser compreendida, neste estudo, como meio e subsídio para o crescimento individual, como propriedade do desenvolvimento espiritual do indivíduo⁴.

Por sua vez, o termo **espiritual** parece indicar, de imediato, a última realidade que compõe o ser humano, ou seja, a parte espiritual, considerando a divisão antropológica tripartite já mencionada. Neste estudo, porém, o espiritual será considerado tendo por base a experiência relatada de adesão e seguimento a uma determinada referência espiritual que faz menção ao “modo santo de atuar do espírito do Senhor”⁵. Essa afirmação, inteiramente formal, será esclarecida posteriormente.

³ A tradução mais adequada para *psyché* é vida. No entanto, a compreensão usual de vida ocorre também de forma tripartite: corporal, anímica e espiritual. Seria mais produtivo traduzir *psyché* por existência, no sentido de fenomenológico-existencial (*Da-sein* = Pré-sença; o ser-aí; a existência), com todas as suas implicações ontológicas.

⁴ Propriedade aqui não significa um “acidente” essencial de uma substância, mas o que é próprio desse indivíduo. (ASSIS, Francisco de. **RB**, cap. 10)

⁵ O autor do texto refere-se diretamente à afirmação de Francisco de Assis: “o Espírito do Senhor e seu santo modo de operar. Ele foi um grande representante da espiritualidade cristã ocidental, cujo modelo religioso forjou um modo próprio de viver a religiosidade cristã. Pelo termo religioso, entende-se a expressão sociocultural da vivência de determinada experiência espiritual (Nota do editor).

1.1 O PSICOLÓGICO

Conforme dito anteriormente, o psicológico refere-se à ciência positiva denominada Psicologia. Embora existam várias escolas psicológicas, todas elas participam de uma característica comum, que constitui as **ciências positivas**.

As ciências caracterizam-se como positivas por partirem de uma posição básica da qual são oriundos seus conceitos fundamentais. A partir dessa base proposta, uma ciência particular constrói e desenvolve o conjunto de seus conhecimentos verdadeiros, sistematicamente concatenados entre si.

A construção sistemática de uma ciência, posicionada sobre sua base inicial, procede hipoteticamente ao modo de um lance prévio, isto é, como **pro-jecto** de uma interpretação produtiva da realidade no seu processamento, transformação e realização⁶.

O projeto interpelativo-produtivo do modelo científico moderno é sempre testado na sua validade em repetidos experimentos. À medida que se comprova a sua viabilidade, o projeto hipotético provisório adquire a função de teoria. Ao verificar, mediante experimento, a impossibilidade de sequência coerente da validade da hipótese, transformada em teoria, adquire a função de correção reversiva da hipótese inicial na tentativa de ampliar, aprofundar e purificar o posicionamento básico inicial. A contínua refundação e fundamentação corretiva da posição inicial faz com que, na sua raiz, as ciências positivas adotem uma aversão a todo e qualquer dogmatismo. Impede que a teoria científica se torne uma doutrina afirmativa ou negativa, absoluta e definitiva.

Nesse sentido, os conhecimentos das ciências positivas não são enunciados que decidem sobre a realidade. Eles são sempre relativos e “parciais”, no sentido de que todo e qualquer posicionamento científico retoma continuamente o seguinte: sob a pressuposição dada, na situação atual das pesquisas, podemos afirmar **isto** ou **aquilo** como resultado provisório da validade de um projeto hipotético inicial. Esse saber concatenado da coerência de conhecimentos é a explicação fornecida sobre a implicação do lance inicial hipotético.

Apesar de o conhecimento científico posicionar-se a partir da pressuposição hipotética básica, ele permanece suspenso na sua totalidade e em todas as fases do processo; mantém-se sempre aberto às relocalizações e aos ajustes. Assim, nas ciências, todas as enunciações a respeito do todo e do **ab-soluto** tornam-se inválidas e são classificadas como não científicas e dogmáticas. O filósofo francês Pascal (2003) denominou esse modelo de “saber e conhecer científicos de espírito de geometria”⁷. De forma mais límpida e transparente, encontramos a formulação desse modo de ser geométrico nas ciências classificadas como ciências naturais de estilo físico-matemático.

⁶ Costuma-se identificar **realidade** como aquilo que se encontra no “mundo fora do sujeito”, isto é, os entes materiais. Esse **tipo de realidade** pode ser entendido como realização. Todavia, não é possível saber previamente o que é propriamente a “realidade em si mesma”, apenas por meio de suas realizações, da dinâmica da existência ou presença, que sempre, e cada vez mais, se constitui como, “em-sendo-mundo”. Em outros termos, realidade não é o conjunto de coisas, não é algo que aparece em si, mas somente, e enquanto, condição da possibilidade de surgir e consumir-se dentro de determinado mundo. Esse modo de presença retraída chama-se ser. A reflexão filosófica faz referência ao ser como imensidão, profundidade, liberdade e abismo de possibilidades de ser. Seu adjetivo é ontológico ou, ainda, pré-científico.

⁷ Com relação às possibilidades de conhecimento humano, enquanto espírito de fineza e espírito de geometria (BAUSOLA, 1992, p. 56-58, Nota do editor).

A característica científica descrita como modo de ser geométrico encontra-se também na Psicologia. Ela apareceu, primeiramente, na Psicologia experimental, posteriormente, na Psicologia comportamental behaviorista e em diversas modalidades variantes do estilo mecanicista. Depois, fez-se presente na teoria vitalista e cibernética.

Na redescoberta da alma como totalidade humana, reivindicada pela Psicologia analítica e pelas suas demais modalidades, a Psicologia adotou uma explicação diferenciada e refinada. Essa reivindicação se tornou mais visível no processo de compreensão da energia psíquica.

Porém, apesar de sua reestruturação na maneira de abordagem, no método e nas inúmeras reduções e terapias, a Psicologia permaneceu sofisticadamente atrelada ao modo de ser geométrico das ciências positivas. Isso pode ser observado atualmente no ecletismo metodológico funcional presente no processo terapêutico, no qual são empregados vários tipos de abordagens psicológicas, de diferentes escolas, conforme conveniências terapêuticas.

Embora vigorem diferenças significativas nas impositações, na valência das medidas e dos valores usados e apreciados em todas essas modalidades de atuação da Psicologia, parece haver em todas elas um momento comum na compreensão do que é o psicológico. Esse elemento comum é complexo e passível de inadequações quando denominado. Porém, é possível fazer referência a ele como “redução à concepção antropológica naturalista”.

O que seria essa base comum das psicologias como redução à concepção antropológica naturalista?

A base naturalista refere-se ao que, em seu opúsculo “Filosofia como ciência de rigor”, Husserl (1965) denominou de **naturalismo**. De acordo com ele, naturalismo é a consideração de que “tudo o que é, seja ele mesmo físico ou psíquico, pertence a um conjunto unitário da natureza física; ou na melhor das hipóteses, fato paralelo, concomitante, secundário ao físico”⁸. Indica uma espécie de **mundividência**, presente na pressuposição da Psicologia experimental do seu tempo⁹. Essa mundividência recebeu inicialmente o nome de **psicologismo**. Posteriormente foi chamada de **biologismo**. Atualmente denomina-se de **fisicismo**.

Como tal, a mundividência naturalista consiste na adoção do modo de ser das ciências naturais positivas de caráter físico-matemático como protótipo, medida e critério na determinação da cientificidade e do saber científico em geral.

O confronto de Husserl com o naturalismo reinante na Psicologia experimental de sua época trazia como questão principal a interrogação relativa à cientificidade própria da Psicologia. Husserl (1965) perguntava se a Psicologia não estaria se afastando do rigor científico inerente ao seu objeto – *psyché*, ser humano –, na medida em que, pretendendo ser um saber de exatidão sobre a psique, intencionava-o a modo da abordagem e do método das ciências naturais. O conceito-chave que estava na base e dominava esse modo de agir das ciências naturais era o de **natureza**, conforme encontrado nas ciências naturais. É por essa razão que Husserl denominou de **naturalismo/naturalista** essa forma de mundividência científica.

⁸ Husserl (1965, p. 13): “Alles was ist, ist entweder selbst physisch, es gehört dem einheitlichen Zusammenhang der physischen Natur an, oder es ist zwar Psychisches, aber dann bloss abhängig Veränderliche von Physischem, bestenfalls eine sekundäre ‘parallele Begleitatsache’” (Nota do editor).

⁹ É necessário sempre distinguir a essência da ciência e as mundividências que se aninham nas autoexplicações que as ciências fazem de si mesmas nos seus operadores.

Em contraposição ao modelo científico, baseado na visão naturalista, estabeleceu-se o conceito básico de **história**, que procurou qualificar a modalidade de saber que trata especificamente do ser humano e de suas variações¹⁰.

Na realização da realidade, os termos “natureza” e “história” não indicam duas dimensões geralmente colocadas de forma oposta, que compreendem, de um lado, os entes que surgem, permanecem e findam, a partir e dentro do horizonte das coisas naturais, que possuem o modo de ser denominado espontâneo (as coisas que ainda não foram tocadas pela ação da indústria humana); de outro, os entes que dizem respeito ao homem e às suas conquistas, aos produtos da sua realização, às coisas culturais feitas por meio do destinar-se e do historiar-se do homem.

Essa acepção comum da distinção entre natureza e história demarca duas grandes áreas específicas dos entes, dividindo-os sob a consideração de que seu sentido geral de **entidade** seja o de “simplesmente ocorrente”, conforme a área dos entes naturais e a área dos entes culturais.

Essa forma de divisão, subdivisão e ordenação, que classifica os entes em sua generalidade e especificidade, é caracterizada na Filosofia como **divisão ôntica do ente**¹¹.

Essa divisão, que coloca todas as coisas sob o mesmo modo de ser, em geral, pressupõe e determina toda e qualquer forma de realidade como entidade ou **ocorrência simplesmente dada**¹². Ela possibilita, também, a divisão e a subdivisão dos entes em classificações padronizadas das ciências positivas. Na pressuposição geral e básica que ordena, classifica e padroniza todas as coisas, encontra-se, pois, o sentido do ser já denominado “entidade” ou “**ocorrência simplesmente dada**”.

O sentido do ser como entidade concede a todos os entes um cunho de neutralidade e generalidade, formando uma comunidade formal e abstrata. De acordo com esse sentido do ser, o próprio e a qualificação de cada coisa permanecem retraídos, sem expressão, encobertos por um sentido unívoco preestabelecido de ser como neutro e indiferenciado. Com isso, tem-se um achatamento do sentido de ser das coisas. É esse achatamento que confere a tonalidade dominante fundamental do saber que caracteriza as ciências positivas.

Com isso, o sentido de ser da natureza e da história, enquanto dimensão diferencial, velamento e abertura de todo um mundo de possibilidades de ser, não aparece na sua propriedade nasciva, na percussão própria. A objetivação indefinida e generalizante transforma a tonância do sentido do ser em opaca e neutra. Tal neutralidade indiferente e generalizante de entidade reduz a diferença e o processo de concreção do ente de forma a não conseguir entoar a identidade da diferença e a diferença da identidade do sentido do ser que cada vez surge na propriedade e no seu destaque originário, enquanto sopro vital impregnante da sua gênese.

¹⁰ Husserl (1965, p. 49) chamou a mundividência que explica o fenômeno humano, em contraste com o naturalismo, usando como conceito base “história”, de **historicismo** (*Historizismus*). Mas como a história era ainda entendida no modo de ser da ciência historiográfica, que, enquanto ciência positiva tinha o modo de ser das ciências naturais, o próprio do modo de ser da história na sua temporalidade existencial se tornava deformado e defasado (Nota do editor).

¹¹ A distinção entre ôntico e ontológico é uma característica própria da filosofia de Heidegger, especificamente na sua obra **Ser e tempo**, de 1927. Ôntico (*ontisch* (e)) refere-se às indagações e descobertas não filosóficas dos matemáticos, geômetras ou filólogos, que se preocupam com os entes, e não propriamente com o seu sentido. Difere-se de ontológico (*ontologisch* (e)), que diz respeito ao estudo do ser, isto é, dos “entes enquanto tais” (Nota do editor).

¹² De acordo com o pensamento heideggeriano, “ocorrência simplesmente dada” (*Vorhandenheit*) é uma expressão para a compreensão que considera todas as coisas como dadas, sem distinção da entidade própria de cada coisa. Um acontecimento natural (*Vorgang*), por exemplo, é distinto de um acontecimento humano (*Ereignis*). Nesse contexto, seria o objeto de contemplação neutra, visto da mesma forma pela ciência natural, quanto pela ciência que se ocupa especificamente do humano (Nota do editor).

Ao despertar para a novidade simultânea da identidade e da diferença do sentido do ser, como o salto originário do surgir, crescer e consumir-se de todo um mundo da realização da realidade, o homem percebe ser ele próprio a abertura do toque fontal do sentido do ser de todas as coisas. Então, ele compreende que esse seu destinar-se, essa sua tarefa de ter que ser assim aberto, livre na soltura da recepção e responsabilização do sentido do ser, é a **história**. Na grande tradição do Ocidente, esse ser do homem como história ou destinar-se da auscultação do sentido do ser se chama **espírito**.

1.2 O ESPIRITUAL

No início desta reflexão, buscou-se determinar formalmente o que se entende pelo termo espiritual. Esse termo foi referenciado como o próprio da espiritualidade cristã, enquanto “Espírito do Senhor e o seu santo modo de operar” ou “Seguimento de Jesus Cristo”. Essa definição mostra pouca utilidade, caso seja entendida conforme o espiritualismo padronizado e prefixado, que desfigura o sentido do ser da espiritualidade cristã.

Um dos preconceitos espiritualistas padronizados, que classifica o espiritual, é o que concebe **o espiritual como vida interior, em contraposição ou em complementação à vida exterior**. Nesse caso, vida interior tem a conotação de subjetividade, realidade particular, privativo-pessoal, passiva, receptiva, ensimesmada e em contraposição à vida exterior. Vida exterior, por sua vez, tem conotação de objetividade, algo comum, social, uma vida ativa, generosa e dadivosa. Bem analisado, esse preconceito se mostra como ponta visível de um *iceberg*, que oculta em seu bojo subterrâneo um mundo imenso de pressuposições, cujo sentido do ser está vinculado às questões fundamentais do exercício do pensar. Na Filosofia, ele se expressa nos binômios: subjetivo e objetivo, transcendental e empírico, ontológico e ôntico, liberdade e necessidade, carisma e instituição, existência e ocorrência etc.

Como se observa, a questão proposta neste artigo como tema de reflexão não alcança simplesmente uma resolução, a menos que, **com firme decisão, paciência e tenacidade, comecemos a nos conscientizar de que questões aparentemente banais e concretas do cotidiano da nossa vida espiritual exigem de nós uma perspicácia mais aberta e, ao mesmo tempo, mais concentrada e fundamental, mais generosidade e volume em estudar, em pensar, em examinar toda a nossa situação histórico-epocal na qual vivemos, nos movemos e somos**. O intuito aqui é despertar para esse trabalho e para a tarefa de relacionar Psicologia e Espiritualidade em nosso tempo.

No início desta reflexão, mencionou-se a colocação usual tripartite de ser humano como **corpo, alma e espírito**. A Psicologia referiu-se também à **alma**, por ela ser a ciência da alma (*psyché + logia*). Afirmou-se que, em seu modo de ser, a Psicologia pertence às ciências caracterizadas como saber positivo, previamente fundamentado na vida e sistematicamente edificado como conhecimentos certos, mutuamente concatenados em si, numa coerência lógica, numa exatidão própria.

Para o propósito de refletir sobre **a diferença entre o psicológico e o “espiritual” e “a diferença entre terapia e orientação espiritual”**, faz-se necessário precisar melhor o que se disse até agora sobre o tema.

2 DIMENSÃO CIENTÍFICA E DIMENSÃO PRÉ-CIENTÍFICA

As características do saber científico acima expostas, anteriormente, partiram de um estado de coisas pré-conceituado e fixado. Por isso, precisa-se de uma colocação mais rigorosa.

Afirmou-se que o saber científico constrói-se a partir do posicionamento prévio. Esse posicionar-se se chama *positum* – daí positivo – e é realizado mediante o destaque de um elemento **na e da experiência da vida**. A partir do posicionamento na experiência de vida, edifica-se um sistema do saber com coerência e fundamento lógico, até formar um conjunto constituído de conhecimentos certos, confirmados e verificados na sua certeza e validade.

Essa colocação precisa ser mantida com limpidez, sob o rigor de uma atenção própria que examina a ação constitutiva das ciências. Do contrário, enveredar-se-á em suposições e conclusões que não estão no toque primeiro e originário da repercussão da colocação, ou seja, no pré-conceito de que a “experiência da vida”¹³, a assim chamada dimensão **pré-científica**, é primitiva, não elaborada, subjetiva, não objetiva, vaga, confusa e indeterminada; portanto, inexata e irracional¹⁴.

Na dimensão pré-científica, os conhecimentos são infantis, de menor validade e necessitam de elaboração explicativa objetiva. Esse trabalho é realizado pelas ciências. Por meio delas, esses conhecimentos alcançam o *status* de conhecimento certo, assegurado, podendo nos fornecer a medida universal do nosso saber. De acordo com esse preconceito, o saber científico, exato e verdadeiro é o único a nos libertar de todo e qualquer erro e permanência na ignorância ou queda num saber irracional, supersticioso, mítico e sem critérios objetivos esclarecedores da realidade.

Como se observa, essa maneira de conceber o relacionamento entre dimensão pré-científica e dimensão científica é, no fundo, resultado da mundividência do positivismo evolucionista. O positivismo é a ideologia dominante no nosso saber usual do que é ciência e conhecimento científico.

Por outro lado, o fenômeno do retorno ao mundo da vida nos apresenta algo diverso. É na dimensão da vida pré-científica em que somos, movemo-nos e existimos, de forma imediata e, na maioria dos casos, que é dada a determinação inicial de onde as ciências retiram o seu *positum*, o posicionamento prévio da construção sistemática.

A dimensão pré-científica não é, pois, algo vago, confuso, primitivo, subjetivo-particular. Ao contrário, ela é a pré-jacência, a imensidão, a profundidade e a liberdade da densidade criativa da vida, enquanto possibilidade imensa e abissal de ser. Ela é matriz, mãe terra, donde tudo surge, cresce e se consoma. A partir do que todas as coisas recebem seu vigor de ser, sua lógica de coerência e originariedade próprias e multifacetárias, sua abertura e consistência, assentamento e fundamentação.

¹³ A expressão pré-científico ou mundo da vida (*Lebenswelt*) foi proposta por Edmund Husserl. Em seu livro *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie* (1993, p. 102-104), Husserl faz menção ao retorno ao mundo da vida como exigência que se impõe ao pensamento científico por ter se afastado das suas origens e finalidade mediante o processo abstrato de objetivação (*Vergegenständlichung*) e tecnificação (Nota do editor).

¹⁴ A expressão “pré-científica” já coloca o modo de ser da ciência e o seu reino como superior, como medida decisiva. Isso ocorre de tal maneira que o pré-científico não aparece como dimensão, mas como **modo deficiente** do científico, mais ou menos como a imensidão e o assentamento de uma base firme, de onde se deslancha um salto, considerado como **modo deficiente** do movimento de salto.

Essa dimensão da vida é a habitação das incontáveis possibilidades de desvelamento do sentido do ser na sua novidade e criatividade. Cada vez, por sua vez, abre-se em leques de estruturação, construindo mundo, universo onde as coisas se mostram visíveis.

Torna-se necessário conservar, cuidar e exercitar-se no iluminar-se inato e nascivo daquilo que a tradição ocidental denominou de espírito, para podermos nos mover, divisar e deixar tudo transparente, na e a partir da dimensão pré-científica, captando as modalidades diversificadas de ser e estar no mundo. É o que nos permite compreender o espiritual.

3 O ESPIRITUAL: DA DINÂMICA DA DISPOSIÇÃO NA ESPERA DO INESPERADO, NA LIBERDADE DA GÊNESE DO SENTIDO DO SER

A espiritualidade cristã é *sui generis* na sua propriedade. Ela é única e singular. Tal unicidade não significa exclusividade ou fechamento na forma de uma prioridade elitista. Pelo contrário: ela é generosidade da liberdade da doação que inclui e acolhe todas as coisas na entrega livre de si a tudo que realiza.

Isso ocorre sempre do mesmo único modo da **fidelidade** incondicional. Serve a todas as coisas, a cada coisa particularmente, como se, nessa presença absoluta, ela fosse apenas uma **modalidade** de cada coisa.

O que se denominou de “Espírito do Senhor e seu santo modo de operar” significa a atitude de tornar-se cada vez **coração** do **modo** de todas as coisas; atitude de encarnar e inserir-se, a serviço e no serviço, como propriedade desta e daquela coisa, de tal maneira que nos é permitido afirmar: a espiritualidade cristã está a serviço, pertence, no seu ser, a esse modo de ser do **espírito**.

A espiritualidade – a *fortiori* espiritualidade cristã –, que ignora ou se esquece de sua pertença à dimensão matriz da vida, negligenciando por muito tempo o cuidado e o cultivo próprio de si, acaba por se tornar cega, árida e neutra; inteiramente indiferente para a originalidade da sua própria vitalidade diferencial¹⁵.

Observa-se que nossa linguagem usual em referência ao cristianismo afirma primeiramente o caráter original e absoluto do cristão. Posteriormente, diz-se que as outras dimensões pertencem de alguma forma ao ser cristão e só têm sentido na medida em que dele fazem parte. Todavia, o modo de ser cristão pode ser assim expresso: o modo de ser primeiro, originário e absoluto do ser cristão não possui essa prioridade, esse *ranking*, esse caráter de medição a modo de excelência e do poder, pois, em tudo que dá e recebe, é simplesmente, de imediato, o modo de ser do serviço, no qual se torna cada vez, de novo, o último de todas as coisas, para, de alguma forma, poder receber do outro a permissão de poder se doar e lhe ser útil na dádiva gratuita e grata de si. É nessa maneira de se doar ao outro, no jeito de serviço, que esse modo de ser cristão é único, necessário, eterno, todo poderoso e onipresente, numa palavra, *ab-soluto*, isto é, solto, espontâneo, fontal e nascivo na imensidão, profundidade e liberdade da entrega de si. É o que denominamos antes de abismo da possibilidade de ser, ou seja, a dimensão da vida, cujo sopro, cuja vitalidade, cuja vigência chama-se: a vida divina do Deus de Jesus Cristo, a vitalidade da deidade da encarnação.

¹⁵ Pode-se ilustrar concretamente esse modo de ser da onipresença do Ser pela presença da **musicalidade** em todas as notas, conjunto de notas, de melodias, de temas e constelações de temas, de toda a sinfonia em cada uma de suas partes e momentos como percussão, repercutação de generosidade e liberdade de doação, como serviço a cada possibilidade da concreção musical.

O modo de ser do **espírito** é do encosto imediato e simples, nada além disso. É contato corpo a corpo, na disposição de ser, pensar, querer e sentir, com a vitalidade dessa deidade da encarnação.

Jesus Cristo é a concretização da deidade da encarnação enquanto corpo, alma e espírito e seu modo de agir. Seu modo – concretização da dinâmica do modo próprio do serviço na encarnação – coincide com o que anteriormente se afirmou como sendo a dimensão da vida nomeada na tradição do ocidente como espírito, aquilo que cresce e se perfaz. Pascal (2003, p. 39), pensador místico da modernidade, denominou esse modo de ser de “espírito de fineza”. Fineza é o protótipo da revelação cristã, é teologia, a ciência da positividade, a afirmação generosa de tudo na graça e na beleza do sentido de ser da deidade encarnada. Pode ser simplesmente dito: espiritualidade cristã.

O que se disse pode levantar a suspeita e a observação de que: o que inicialmente se denominou de concepção tripartite na composição do ser humano em corpo, alma e espírito não faz referência a três entidades ou coisas empírico-ônticas, mas a três modos de ser do humano; cada vez um modo total de ser.

Espírito é, pois, o modo de ser do humano na sua plenitude, no seu originário; **alma**, o mesmo, mas na plenitude diferente do espírito, cujo ser diferencial consiste em não se perfazer na plenitude a modo de espírito; **corpo**, o mesmo, mas na plenitude diferencial, no seu originário, plenitude distinta daquela do espírito e da alma.

Sem um exame mais profundo e detalhado sobre a consistência de cada um dos modos de ser na sua identidade e diferença, pode-se dizer: o modo de ser da plenitude chamado espírito se dá na dinâmica da ambiguidade. Uma vez se refere ao que está presente, tanto no modo de ser **espírito** como no modo de ser **alma**, e, também, no de ser **corpo**, numa presença de retraimento para dentro da plenitude do abismo insondável da possibilidade inesgotável de ser, **tornando-se** sempre, na concreção do mesmo diferencial, **corpo, alma e espírito**. É como a possibilidade do **toque na percussão e nas repercussões** de sua repetição. Outra vez, na alegria e gratidão de poder ser cada vez a concreção, a repercussão da percussão da, sempre fiel, doação do sopro vital da potência, do toque da possibilidade do abismo inesgotável da gratuidade de ser. No momento em que essas concreções, como modos de “ser o mesmo do ser humano”, se esquecem dessa misteriosa presença-retraimento do toque da possibilidade abissal do ser, os modos **corpo, alma e espírito** se reduzem ao ente-coisa como três entes da entidade, proporcionando-nos a concepção defasada do ser-homem como composição de três diferentes coisas¹⁶.

A partir dessas reflexões sobre o psicológico e o espiritual, pode-se, agora, estabelecer uma diferença possível entre terapia e orientação espiritual.

¹⁶ Uma defasagem desse teor pode acontecer, por exemplo, na terapia da Psicologia analítica, quando a experiência da morte no nível do processo de individuação não se interpreta arquetipicamente, mas empírico-coisisticamente, e em vez de assumir o arquétipo “morte” como supremo momento de individuação, suicida-se, entendendo que a transformação (a morte) aqui é aniquilação do corpo.

4 DIFERENÇA ENTRE A TERAPIA E A ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL

De maneira provisória e formal, apresentamos as seguintes distinções essenciais entre terapia psicológica e orientação espiritual.

Sobre terapia psicológica, enquanto prática científica, pode-se dizer:

- A terapia psicológica possui o modo de ser da ciência positiva. Por isso, quando fala do ser-humano, enquanto ser-no-mundo, e fala de si mesma, como saber objetivo, opera na **pré-suposição** do seu modo de ser, como naturalista, vitalista, humanista, personalista; porém, sempre predominantemente projetivo hipotético, a partir, e dentro, de um posicionamento prévio.
- A meta funcional de sua atuação terapêutica sobre o ser humano é o que a Psicologia interpreta como realidade: a realização de **re-condução** do ser humano à normalidade, pré estabelecida a partir e dentro do seu projeto hipotético de realização da realidade, lançado diante de si, de acordo com o movimento de uma ciência positiva.
- A terapia não diz respeito ao **sentido do ser, do destinar-se da vida no seu perfazer-se, como história de uma existência humana**. O que a terapia psicológica chama de **projeto de vida, saúde, normalidade** não se refere ao sentido do ser, mas sim ao projeto prévio de realização humana, enquanto interpelação produtiva de uma medida assumida e posta como projeto.
- A proposta psicológica trata de corretivo dos desvios, de dirigir para a normalidade, para a correção ou retificação ideal, como o dever-ser. Mesmo que, em princípio, procure deixar ser cada indivíduo na sua naturalidade própria, há o dirigismo para um ideal projetado que é posto como o que e como pode e deve ser. Esse proceder posiciona-se num ponto cego, de tal sorte que não pode captar o sentido do ser de seu projeto científico, enquanto um determinado destinar-se da existência humana.
- Embora a Psicologia se posicione na dimensão da vida, falsifica a vida como objeto de seu projeto hipotético, obstruindo, na sua vigência, o contato de retorno à fonte do seu vigor. Desse esquecimento da sua origem, surge o estilo de objetividade formal, neutro, generalizador, que achata todas as diferenças, reduzindo-as a fugidios eflúvios momentâneos de vivências subjetivas.

Acerca da orientação espiritual, pode-se concluir que:

- É algo bem diferente da terapia psicológica. Ela não se refere ao projeto de vida nem é uma condução ou um direcionamento de alguém a determinado ideal. É, antes, **orientação**.
- É sintomático que a palavra “orientação” signifique, atualmente e em primeiro lugar, a ação de dirigir e conduzir para determinada meta de um projeto. No caso de desvio, reconduz para a correção. Orientação, orientar ou orientar-se tem tudo a ver com Oriente, com o verbo latino “*oriri*” (*orior, ortussum, oriri*), isto é, nascer, originar-se, surgir e, por consequência, **criar e consumir-se**. Surgir, crescer e consumir-se são **momentos da dinâmica do perfazer-se como história, ou destinar-se da existência humana**.
- Orientação não deve presumir existência como ocorrência. Existir é prévio dever ser, concreção da disponibilidade cordial e obediente, na plena atenção em captar e seguir o historiar-se do sentido do ser que nasce, cresce e se consoma como possibilidade livre de ser, constituindo a vida.

Existir é *dynamis*, a *enérgeia* de cada ente, principalmente da existência humana. A orientação nessa acepção é a vigência de conascimento, cada vez novo e de novo, na autoconstituição do ente, no nosso caso, da pessoa humana no seu perfazer-se como história de uma existência. Na espiritualidade, até há pouco tempo, diríamos: como história de uma alma.

- Orientar é conduzir para o elemento o vigor fontal desse “originar-se, crescer e se consumir”, que se chama **espírito**, a saber, **sopro vital**. É a sua vigência que perfaz toda a imensidão, profundidade e liberdade; é criatividade da dimensão Vida, anteriormente denominada de pré-científica.

CONCLUSÃO

As reflexões acima apresentadas são provisórias. São pensamentos que podem conduzir a outras discussões sobre o tema psicológico e espiritual, apenas esboçado neste texto.

REFERÊNCIAS

BAUSOLA, A. **Introduzione a Pascal**. Roma, Bari: Laterza, 1992.

HEIDEGGER, M. **Sein und Zeit**. Frankfurt, Main: V. Klostermann, 1977.

HUSSERL E. **Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendetale Phänomenologie**. Dordrecht: Kluwer Academic, 1993.

_____. **Philosophiealsstrenge Wissenschaft**. Frankfurt, Main: V. Klostermann, 1965.

PASCAL, B. **Pensamentos**. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: M. Claret, 2003.

RAGGIUNTI, R. **Introduzione a Husserl**. Roma, Bari: Laterza, 2002.